

*As alteridades do mundo num Brasil barroco:
"Là où les tigres sont chez eux",
de Jean-Marie Blas de Roblès*

Rita Olivieri-Godet

Université Rennes II, Rennes, França

Resumo: O ensaio interroga as figurações do Brasil no romance *Là où les tigres sont chez eux* de Jean-Marie Blas de Roblès examinando as imagens recorrentes da alteridade brasileira que o romance compartilha com a tradição literária francesa, as possíveis releituras que ele realiza, ou ainda a veiculação de novos parâmetros subjacentes às imagens privilegiadas. As imagens do Brasil projetadas em obras literárias francesas atuais resultam de relações complexas que se estabelecem entre a experiência que os escritores franceses têm, captando os elementos de sua realidade e o conjunto de representações que circulam no imaginário social francês.

Palavras-chave: alteridade; imagem; romance francês; Brasil

Abstract: This paper questions the representations of Brazil in the Jean-Marie Blas de Roblès novel's *Là où les tigres sont chez eux*, examining the recurring images of alterity that the Brazilian novel shares with the French literary tradition, the possible readings it does, or the serving new parameters underlying the privileged images. The projected images of Brazil in French literary works come from the complex relations established between the experience that French writers have, capturing the elements of its reality and the set of representations that circulate in the French social imaginary.

Key words: alterity; image; French novel; Brazil

Jean-Marie-Blas de Roblès (1954, Sidi-Bel-Abbès) estudou filosofia e história e especializou-se em arqueologia submarina. Percorreu muitos países, tendo vivido em Fortaleza no início dos anos 80, onde exerceu o cargo de professor e de diretor da Casa de Cultura Francesa da Universidade Federal do Ceará. Poeta, romancista, autor de obras de vulgarização no campo da arqueologia, Roblès levou dez anos para escrever seu longo romance (766 páginas), *Là où les tigres sont chez eux* (2008), vencedor de vários prêmios entre os quais destaca-se o Médicis 2008. De seis romances publicados entre 2005 (ano do Brasil na França) e 2009 (ano da França no Brasil)¹ que escolhem situar a ação no Brasil, produzindo imagens diversas sobre o país, é o mais surpreendente e original. Explora em diferentes níveis a questão da alteridade, tentando ultrapassar a etapa da simples informação ou da tradução explicativa da cultura do outro, embora também a pratique, para desenvolver uma reflexão mais ampla – poética, filosófica, científica – sobre o ser e o estar no mundo, na verdade sobre as alteridades do mundo, de um mundo em processo de globalização.

O romance surpreende pelo fôlego do projeto e pelo caráter inusitado que consiste na escolha de alternar a biografia ficcionalizada d'Athanase Kircher (1601–1680) – jesuíta alemão de erudição enciclopédica, espírito aventureiro e autor de experiências e invenções científicas que evolui no contexto da Europa da Guerra dos Trinta Anos (1618–1648) – com personagens inseridos no Brasil do final do século XX. De estrutura narrativa complexa e fragmentada, o romance, composto por trinta e dois capítulos, um prólogo e um epílogo, entrelaça os múltiplos microrrelatos que evoluem através de uma construção sinuosa, neobarroca. Todos os capítulos são abertos pelo narrador-personagem Caspar Schott, discípulo de Kircher, que assume o relato da vida do jesuíta, seguido de sub-capítulos, narrados por um narrador onisciente, estruturados em torno de protagonistas que evoluem em espaços diversos do Nordeste (Fortaleza, favela de Pirambú, Serra da Aratanha, Canoa Quebrada, São Luís, Alcântara) e do Centro-Oeste do Brasil (Corumbá, rio Paraguai, floresta do Mato Grosso). Vê-se logo que o escritor escolhe projetar os múltiplos e emblemáticos espaços brasileiros – cidade, floresta, praia, sertão – pelos quais circulam os inúmeros personagens. O romance alterna vários núcleos narrativos que aos poucos se entrelaçam formando uma trama complexa.

Eléazard von Wogau, francês, jornalista, correspondente de imprensa

1 Os seis romances são os seguintes: *Corcovado*, Métaillé, 2005, *Dans l'ombre du condor*, Métaillé, 2006, *Samba Triste*, Métaillé, 2007 e *Zumbi*, Métaillé 2009 de Jean-Paul Delfino; *Là où les tigres sont chez eux*, Zulma, 2008 de Jean-Marie Blas de Roblès e *La salamandre*, Gallimard, 2005, de Jean-Cristophe Rufin.

no Nordeste do Brasil, instalado em Alcântara, no Maranhão, há quinze anos dedica seu tempo a estudar o manuscrito de uma biografia de Athanase Kircher, atribuído a um dos seus discípulos Caspar Schott, a fim de preparar uma edição crítica da obra. Vivendo há vários anos no Brasil, separado da mulher Elaine, professora-pesquisadora da Universidade de Brasília, e distante da filha Moéma, estudante de antropologia em Fortaleza, Eléazard dribla sua solidão projetando-se no universo de aventuras, descobertas e viagens de Kircher, em total contraste com a vida sedentária e pacata que leva. Seguindo os passos de Kircher, Eléazard realiza uma viagem imaginária, interrogando o sentido da existência e da relação do homem com o mundo, através de diversos prismas abertos pelas questões propostas pelo conhecimento prolífero e a curiosidade insaciável do jesuíta alemão. O espírito barroco de Kircher manifesta-se no seu desejo de abarcar o sentido do mundo na sua totalidade. Poliglota e polígrafo, seu saber enciclopédico perpassa os mais variados campos do conhecimento: filosofia natural, matemática, medicina, religião, astronomia, física, filologia. Seu interesse está também voltado para decifrar os hieróglifos egípcios, os ideogramas chineses, os recursos simbólicos da cabala, além de ter se lançado, a exemplo de Leonardo da Vinci, na invenção e construção de máquinas inimagináveis, cujos detalhes são descritos na narrativa. Eléazard, além de trabalhar sobre o manuscrito de Schott, é também autor de anotações fragmentadas que funcionam como digressões em relação ao relato principal, reproduzindo comentários de outros autores sobre Kircher, reflexões, citações, provérbios, aforismos, anotações que ajudam a construir o perfil de um personagem completamente absorvido pela atividade intelectual e que introduzem uma pausa reflexiva na narrativa, mantendo a ação em suspense. O aforismo, elemento característico do estilo barroco, é uma peça importante da argumentação, tanto no texto supostamente escrito por Schott quanto nas anotações de Eléazard. Produz-se o efeito do livro palimpsesto, do manuscrito sobre o qual se escreve um outro texto, outros textos, num prodigioso processo de *mise en abyme*. A autorreflexividade do texto, a mistura de diferentes registros são também elementos da estética barroca que o romance incorpora.

Um outro relato se organiza em torno de Elaine, ex-mulher de Eléazard. Paleontologista, dedica-se ao estudo de fósseis, procurando identificar resquícios de uma fauna primordial. Juntamente com colegas pesquisadores, parte em missão para os confins do Mato Grosso, tendo por guia um ex-nazista, traficante, torturador, refugiado no Brasil. O espaço isolado e inexplorado da floresta com tudo o que ele pode representar de inóspito, perigoso, traiçoeiro, mortífero é o cenário onde Elaine se move. A expedi-

ção é marcada por trágicas aventuras. O encontro com uma tribo indígena é também o momento de explorar a alteridade radical representada pelo Índio, inserido numa temporalidade percebida como anistórica, habitante de uma *terra incognita*, alteridade que é projetada no limite do dizível. O ritual trágico que leva todos os membros da tribo e os amigos de Elaine, sob o efeito de drogas, a se jogarem de um precipício, seguindo o Pajé que, de posse de um livro de Kircher, recita trechos em latim, revive mais uma vez a incompreensão histórica do encontro de civilizações tão distintas e aponta para uma concepção cíclica do processo de evolução.

Rita
Olivieri
Godet

50

Através de Moéma, filha de Elaine e Eléazard, Roblès constrói o perfil de uma jovem de classe média alta brasileira, sexualmente liberada, mas meio perdida e afetivamente carente. Bisexual, toxicômana, com uma vida sentimental conturbada, pontilhada de aventuras eróticas picantes, Moéma estuda antropologia em Fortaleza. Ela evolui no espaço urbano da cidade e no paradisíaco vilarejo de pescadores de Canoa Quebrada para onde se desloca com sua namorada Thaís e o francês Roetgen, professor visitante da Universidade Federal do Ceará, apaixonado pela etnologia do Nordeste, com o objetivo de fazê-lo conhecer “o verdadeiro Brasil”. A vida rústica e primitiva da comunidade de pescadores, a relação que mantêm com a natureza, seus saberes, valores e práticas sociais rudimentares são postos em evidência como marcas diferenciais de uma cultura brasileira “autêntica”. Mas o que está em jogo é na verdade o questionamento dos valores ocidentais fundamentados no progresso industrial e tecnológico que acarreta o risco da auto-destruição e as consequências nefastas da poluição. Roetgen representa claramente a consciência etno-ecológica característica do autor.

O modelo ocidental do culto ao luxo supérfluo e à cultura como acúmulo de erudição contrasta com um mundo onde a cultura é entendida no sentido próprio “como um húmus, como um fundo” (ROBLES, P. 327). Para Roetgen, o primitivismo e a simplicidade do Brasil de Canoa Quebrada, descrito como lugar protegido do exotismo turístico, ao abrigo de um progresso desumano, conduz ao questionamento do modelo de evolução da sociedade ocidental. Na conversa com o pescador João, “fascinado por uma concepção do mundo onde a geografia tinha tão pouca importância,” (ROBLES, 2008, p. 328) o francês toma consciência de que, para o pescador, o mundo ocidental não passa de uma abstração, um mundo desconhecido, um Outro Mundo (ROBLES, 2008, p. 328). Afinal, o interesse de Moéma pela antropologia em busca de um Brasil “autêntico” e a experiência que Roetgen faz de Canoa Quebrada, espaço evocado como um cosmos harmonioso, conduzem o romance a refletir sobre o que os homens fizeram do

paraíso do Novo Mundo, o que ergueram sobre suas terras virgens, flores-
tas e mares.

Em torno do personagem de Nelson se organiza um outro núcleo nar-
rativo que mergulha no universo violento da favela e da cultura popular
nordestina. Menino de rua, aleijado, mendigo, Nelson vive com seu tio Zé,
caminhoneiro, na favela de Pirambú, a maior favela de Fortaleza. Ambos
são migrantes do sertão nordestino, trazendo consigo para a cidade as
referências culturais sertanejas, o imaginário de lendas e superstições, os
heróis do cangaço e suas aventuras que alimentam as histórias da lite-
ratura de cordel. Desse modo, um outro aspecto do espaço geográfico e
imaginário brasileiro é explorado pelo romance. Um outro relato surge
em contraposição à miséria da favela, organizando-se em torno do espaço
privilegiado das elites políticas, como a Fazenda do Boi do governador Mo-
reira, herdeiro da tradição do coronelismo do Nordeste, político corrupto,
desonesto, amoral que termina assassinado por Nelson. A desigualdade e
as injustiças sociais, o descrédito nos representantes políticos completam
o mosaico de imagens que o romance elabora sobre a realidade brasileira.

Esses diferentes núcleos narrativos evoluem em separado mas estão
interligados. Cabe ao leitor ir costurando o fio entre as diferentes partes
e a diversidade dos discursos do tortuoso relato. Texto que se quer la-
biríntico como a figura da espiral reproduzida no final do romance que
Kircher comenta momentos antes da sua morte: todo o universo parte de
um ponto único de luz antes de retornar ao mesmo ponto seguindo os
desvios da espiral maravilhosa (ROBLES, 2008, p. 748). Alegoria da vida
como variação do mesmo, como permanência e fugacidade do movimento.
O leitor é convidado a esquadrihar o sentido do texto, a se interrogar
sobre a origem das histórias, repetindo de certa forma a experiência dos
protagonistas do romance. Decifrar o enigma do texto-mundo através da
exploração de textos sobre o mundo que se superpõem infinita e labirin-
ticamente, determinando a própria estrutura formal da obra, eis o que
perseguem, por diversas vias os personagens e o próprio leitor do roman-
ce. A experiência literária surge como uma forma de arqueologia do saber
capaz de condensar, interpretar e criar as múltiplas facetas do humano.
Nesse sentido é possível afirmar que a aventura romanesca proposta por
Roblès é a do diálogo e da interpretação das alteridades do mundo.

A questão central da alteridade é anunciada no título e na epígrafe do
romance, extraída das *Afinidades eletivas*, de Goethe. O fragmento citado²

2 « *Ce n'est pas impunément qu'on erre sous les palmiers, et les idées changent nécessairement dans un pays où les éléphants et les tigres sont chez eux* ». Johann Wolfgang Von Goethe, *Là où les tigres sont chez eux*, p. 9.

crítica a superficialidade exótica, presa às imagens clichês. A epígrafe é objeto de uma longa discussão no romance (ROBLES, p. 271–273). O ponto de vista exposto considera a travessia das fronteiras culturais como um processo de subjetivação decorrente da confrontação com modos de alteridade perturbadores.³

Num mundo cada vez mais globalizado, marcado pela homogeneização das diferenças culturais, Roblès deseja escapar às representações habituais procurando escrever algo que saia do comum, através de múltiplos deslocamentos. A inserção num universo de sensibilidades distantes e diversas permite indagar sobre a própria condição humana para além das fronteiras culturais. Realiza assim uma viagem retrospectiva no tempo, empenhando-se em criar a sensação de estranhamento, ao colocar no centro de sua narrativa um jesuíta erudito do século XVII, incorporando códigos estéticos, científicos, religiosos e culturais de outra época. Apela, dessa forma, para um sistema simbólico distante das referências do homem comum do século XXI, embora ao mesmo tempo teça as relações com o presente, comparando a Europa atual, vítima de múltiplos conflitos, à Europa das dissensões religiosas da Guerra dos Trinta Anos. O deslocamento estético manifesta-se ao assimilar a tradição barroca, opulenta, exuberante e rebuscada, através da elaboração da biografia de Athanase Kircher.

Por outro lado, Roblès introduz igualmente um deslocamento espacial, ao escolher situar, num outro plano narrativo, a ação do romance no Brasil, país e povo que o romance projeta como desconhecidos do Velho Mundo, distanciados de suas preocupações,⁴ país de potencialidades ignoradas, inexploradas, onde tudo é possível, imagem que coincide com a que é projetada nos romances de Jean-Paul Delfino.⁵ Assim, pode-se estabelecer pa-

3 « *Enlevé à son pays natal et jeté, volontairement ou non, sur une terre étrangère, un homme devient différent...Il a beau côtoyer les perroquets, les singes et...disons, les autochtones, dans le milieu qui leur est propre, il n'en reste pas moins un déraciné sans autre alternative que le désespoir lié à son manque de repères ou l'intégration totale à ce nouveau monde.* » *Là où les tigres sont chez eux*, p. 273.

4 « *Eléazar transmettait jour après jour à son agence de presse ce diagnostic désastreux, mais le vieux monde était trop occupé avec les signes de sa propre dislocation pour compatir aux malheurs d'un peuple que ni les médias ni les transports n'avaient réussi à rapprocher de lui. Sans être d'un naturel pessimiste, Eléazar commençait à douter de l'avenir. A force d'éclatements successifs, l'Europe s'était volatilisée au point de ressembler à celle qu'avait ensanglantée la guerre de Trente Ans. Plutôt en pire, d'ailleurs, puisqu'à cette époque les dissensions religieuses n'opposaient guère que les Catholiques aux Protestants. Et quand bien même les troubles actuels devraient être interprétés comme l'annonce d'une métamorphose radicale de l'Occident, ce qu'on en distinguait pour l'heure n'incitait guère à s'enthousiasmer.* » Jean-Marie Blas de Roblès, *Là où les tigres sont chez eux*, p. 132.

5 Sobre os romances de Jean-Paul Delfino ver meu artigo « *Imagens do Brasil no romance francês contemporâneo* » in Maria Eunice Moreira, Ana Lemos e Zila Bernd (org.), *Pensamento francês e cultura brasileira*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

ralelos entre o universo barroco de Kircher e os personagens que circulam na exuberante, imprevisível e vertiginosa realidade brasileira, o Brasil barroco das imagens excessivas, extravagantes e contraditórias que alimentam o imaginário social francês. A experiência da alteridade brasileira conduz o indivíduo a se descobrir Outro, num país sonhado como um novo mundo, um outro mundo.⁶ Mas o Brasil é também um país representado como um território no qual coexistem civilizações e comunidades próximas do estado da natureza, inseridas numa temporalidade interpretada como anistórica, ao lado das conquistas e mazelas da sociedade ocidental. Não é por acaso que Eléazar habita a cidade de Alcântara, pequena cidade de arquitetura colonial, dando a impressão de uma cidadezinha parada no tempo. A escolha não se deve apenas ao fato de a cidade ter sido habitada por franceses no início do século XVII, mas sobretudo pela proximidade do Centro Espacial de Alcântara, instalado na península. Dessa forma, as tensões entre temporalidades extremas são exploradas. O Brasil emerge como um terreno profícuo para desenvolver uma reflexão que remonta às origens da civilização ocidental com o intuito de questionar as formas da contemporaneidade do humano.

A complexa fatura do romance, assim como sua ambição filosófica, não garantem no entanto o total sucesso da empreitada. A narrativa é vítima de sua exuberância, especialmente no que diz respeito ao relato dedicado a Kircher que às vezes soa extremamente artificial, como uma simples demonstração de erudição. Provoca assim um efeito contrário ao objetivo do romance que questiona a noção de cultura e de erudição como simples acumulação de saber (ROBLES, 2008, p. 597). O *roman-fleuve* é provavelmente uma obra “que não é proporcional à brevidade da vida” (ROBLES, 2008, p. 84), citação bem humorada e autorreflexiva que faz também alusão ao lugar que a literatura ocupa nas nossas sociedades modernas, nas quais o pensamento e a reflexão têm cada vez menos espaço. Mas a verdade é que o exercício da leitura se torna às vezes pesado, privando o leitor de usufruir do prazer do texto.

No plano narrativo correspondente à representação do Brasil, existe uma real preocupação em projetar os aspectos mais diversos de sua realidade e o escritor demonstra conhecer detalhes da história política, econômica e cultural do país. Não escapa no entanto à tentação didática de traduzir os elementos da cultura estrangeira, que se justifica pelo interesse etnográfico manifesto na obra, explicando-os no próprio texto, numa opção talvez mais feliz do que a escolhida por Jean-Paul Delfino que recorre às inúmeras notas de rodapé e ao glossário. Os traços mais recor-

6 « Le Brésil était un autre monde, vraiment », *Là où les tigres sont chez eux*, p 128.

rentes e representativos da cultura brasileira são comuns aos explorados por Jean-Paul Delfino e também não estão isentos de uma certa visão exótica e pitoresca: os hábitos culinários; as expressões artísticas populares; a fusão do povo com a música e o futebol; a macumba e o transe; as múltiplas referências à cachaça, à caipirinha e à maconha. Muitas palavras e expressões são introduzidas em português no texto e aqui também alguns erros de sintaxe ou de ortografia podem ser observados, alguns deles atribuídos à interferência do espanhol: “— Que passa?” (ROBLES, 2008, p. 127); “cuando esquenta perde a cabeça” (ROBLES, 2008, p. 506). Um outro detalhe aparece na última página do romance e confunde a grafia da forma verbal “beijou” com a do substantivo “beijo”, ao reproduzir uma estrofe da célebre marchinha, intitulada *Brigitte Bardot*. Composta por Miguel Gustavo, em 1960, o texto apresenta a marchinha como um “samba da moda” (ROBLES, 2008, p. 765–766). Referência aparentemente sem grande importância, mas expressiva da dificuldade de se liberar de certos clichês sobre o Brasil, arraigados no imaginário francês (e não somente).

O exame dos contornos da figuração da alteridade brasileira em romances franceses contemporâneos, publicados entre 2005 e 2009, leva-nos a constatar um movimento comum a todos eles que consiste em ampliar o conhecimento do público francês sobre o Brasil. O romance de Roblès não foge à regra. Num outro artigo⁷, chamamos a atenção para o fato de que Roblès, como Delfino, partem de um mesmo diagnóstico: os franceses conhecem mal esse país, reduzindo-o a estereótipos que se organizam em torno de imagens eufóricas. Para superar a superficialidade do olhar exótico, esses autores buscam projetar uma imagem ambivalente do Brasil, fazendo coabitar marcas positivas e negativas, ao tempo em que utilizam uma outra estratégia que consiste em recorrer às explicações didáticas sobre aspectos culturais e históricos da realidade brasileira. Recusando a superficialidade do olhar do turista, esses autores traduzem compulsivamente os dados “estrangeiros”. Tanto os romances de Delfino quanto o de Roblès, aqui analisado, manifestam uma consciência etno-antropológica e uma real vontade de diálogo com o outro. No entanto, as boas intenções nem sempre garantem o sucesso da empreitada. Os resultados são desiguais, embora possamos reconhecer que *Là où les tigres sont chez eux* se destaca como um dos romances mais bem realizados da recente produção literária francesa que explora o confronto com a alteridade brasileira.

Recebido em 27 de outubro de 2009 / Aprovado em 07 de novembro 2009)

7 Rita Olivieri-Godet, *Imagens do Brasil no romance francês contemporâneo*, op. cit.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFFERGAN, Francis. *Critiques anthropologiques*. Paris: PFNSP, 1991.

CARELLI, Mario. *France-Brésil : bilan pour une relance*. Editions Entente, 1987.

CARELLI, Mario. *Cultures croisées. Histoire des échanges culturels entre la France et le Brésil de la découverte aux temps modernes*. Paris: Nathan, 1994.

DELFINO, Jean-Paul. *Corcovado*. Paris: Métailié, 2005.

_____. *Dans l'ombre du condor*. Paris: Métailié, 2006.

_____. *Samba Triste*. Paris: Métailié, 2007.

_____. *Zumbi*. Paris: Métailié, 2009.

FIGUEIREDO, Eurídice. Représentations du Brésil dans la littérature québécoise contemporaine. In *Voix et images*, vol. XXV, n° 3 (75), 2000.

GODET, Rita Olivieri. « Imagens do Brasil no romance francês contemporâneo ». In MOREIRA, Maria Eunice; LEMOS, Ana; BERND, Zila (org.). *Pensamento francês e cultura brasileira*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

GODET, Rita Olivieri. Conrad Detrez e a vivência brasileira: gênese de uma escrita. In *Escrita: revista do programa de Mestrado e Doutorado em Letras da PUC-Rio, Rio de Janeiro*, ano 2, n° 3 jul/dez 1997, p. 102-123.

_____. Stefan ZWEIG: Europa, Brasil e outros sonhos. In *Suplemento Cultural do Jornal A Tarde*, Salvador – Bahia, 23 fev. 96, p. 8-9.

HARTOG, François. *Le miroir d'Hérodote*. Paris: Gallimard/Folio, 2001.

LESTRINGANT, Frank, La mémoire de la France Antarctique. In *História*, São Paulo, 27 (1), 2008, p. 101-133.

MOURA, Jean-Marc. L'imagologie littéraire, essai de mise au point historique et critique. In *Revue de Littérature Comparée*, 66 :3 (1992 :juil./

*As alteridades
do mundo
num Brasil
barroco*

55

sept.), p. 271–287.

OUELLET, Pierre. Le principe d'altérité. In *Quel autre ? L'altérité en question*, Montréal : VLB Editeur, 2007, p. 7–43.

PAGEAUX, D-H. Une perspective d'étude en littérature comparée : l'imagerie culturelle. In *Synthesis*, VIII, Bucarest, 1981.

_____. *Littératures et cultures en dialogue*. Paris: L'Harmattan, 2007.

Rita
Olivieri
Godet

RIAUDEL, Michel. Littérature et représentation de l'Amazonie en France. In PARVAUX, Solange et MOUROZ, Jean Revel (org.), *Images réciproques du Brésil et de la France*, Collection Travaux et Mémoires de l'IHEAL, n° 46. 2 vol. Série Thèses et colloques, n° 2, IHEAL: Paris, 1991, p. 147–159 (tomo II).

_____. O Brasil pela via dos livros. In RIAUDEL, Michel, (org.), *France, Brésil/Brasil, França*. Paris: adpbf ministère des affaires étrangères, 2005.

RIVAS, Pierre, “O Brasil no imaginário francês: tentações ideológicas e recorrências míticas”, *Diálogos interculturais*, São Paulo: Hucitec, 2005, p 68–80.

_____. O mito brasileiro na França. In *Diálogos interculturais*. São Paulo: Hucitec, 2005, p 68–80.

ROBLES, Jean-Marie Blas de. *Là où les tigres sont chez eux*. Paris: Zulma, 2008.

RUFIN, Jean-Christophe. *La salamandre*. Paris: Gallimard, 2005.

TETTAMANZI, Régis. *Le roman français et l'histoire du Brésil. Essai sur l'exotisme littéraire*. Paris: L'Harmattan, 2007.